

1.

RUI PAIVA, ARTISTA PLÁSTICO

BIODADOS -- colóquio da lusofonia



<https://ruipaiva.com/>

Rui Paiva nasce em 1954 em Moçambique, Lourenço Marques, hoje Maputo.

Vive até aos 13 anos no Planalto do Chimoio, completando o liceu, bem como os três primeiros anos do Curso de Economia na capital.

Dá alfabetização nos arredores de Maputo e, enquanto sócio (militante) do mítico Cine Clube de Lourenço Marques, faz um curso de Cinema.

Licenciando-se em Lisboa no ISEG, leciona por alguns anos (Economia Política).

Tomando conhecimento de uma vaga para o lançamento de um novo departamento de Comércio Interno, abraça esse desafio, iniciando o seu percurso em Macau, em abril de 1979.

Por três anos e meio, trabalha nos Serviços de Economia de Macau, chegando a ser, por um ano, Responsável pelos mesmos, reestruturando os serviços e participando com a tutela na elaboração de uma Nova Lei de Comércio Externo (que vigora por décadas).

Ingressa em Lisboa no BPA, onde inicia uma carreira de banca internacional em Portugal.

Mais tarde, em Macau (BPA:1988-91), BNU (1991-1993) e em Hong Kong (1993-4).

Em 1986 interrompe o seu percurso na banca para regressar a Macau como chefe de gabinete do Secretário para a Economia, Finanças e Turismo e substituto do Governador.

Em simultâneo, é Delegado do Governo para empresas da STDM e, mais tarde, Administrador do Fundo de Pensões de Macau (participa desde a sua Comissão Instaladora) e membro da Comissão de Fiscalização da Autoridade Monetária de Macau.

Rui Paiva é “descoberto” como artista, em Macau, nos anos 80, por um curador muito conceituado na comunidade chinesa.

Inicia uma carreira nas Artes Plásticas, no final da década, com exposições a um ritmo quase anual.

Em 1989, em Macau, tendo no currículo dezenas de exposições individuais também por Portugal, Hong Kong e Vietname, mais precisamente em Ho Chi Minh (inaugurada pelo retratista e escultor privado do líder Ho Chi Minh).

Mais de uma centena de Exposições Coletivas em Macau, HK, Japão, Malásia, Singapura, Portugal.

Como escritor, edita três livros de artista: *Desenhos* em 1982 em Macau, *Nuvem Branca* (vários festivais literários de Cascais, *Escritaria* de Penafiel, *Folio* em Óbidos e *The Script Road - Macau Literary Festival* (2018) e *Porto Moniz*, com lançamento em 2022 na Feira do Livro do Funchal e no Porto no Museu Nacional Soares dos Reis.

BIODADOS -- colóquio da lusofonia



Apresenta Viagem às memórias de um “observador atento Lusofonias: África, Europa e Ásia nas artes e na escrita,

Apresenta uma sessão de oficina de trabalho sobre pintura a aguarela

Apresenta os seus dois livros *Nuvem Branca*” e “*Porto Moniz*”

A escrita de um percurso cultural entre a África Oriental e a Europa: a Ásia como roteiro de crescimento, a Geopolítica como ferramenta mental

Viver é viajar num corpo de tempo.

Podemos carregar o corpo, mas também podemos deslizar.

Encher uma mochila de sonhos, deixar que o corpo acompanhe a mente nesse flutuar de *Nuvem Branca*.

Foi o que aconteceu comigo, partindo de uma infância e adolescência de Natureza Africana.

Na origem, Moçambique! Primeiramente no centro, no planalto do Chimoio, mais tarde a sul.

Na verdade, sempre pensei a sul.

Em miúdo, aos 13 anos, escrevia contos policiais, como *o rapto*” ou tantos outros de ficção política.

A título de exemplo: *o fracasso*, revelando este, ficcionalmente, o tráfico de armas nucleares nas fronteiras da URSS.

Mais tarde, entre os 18 e os 20 anos, foi a vez de um curso de cinema e a alfabetização para as *mamas* nos arredores de Maputo, a caminho do aeroporto.

Foi aí que conheci e conversei com os primeiros camaradas da Frelimo aquartelados nos arredores de Maputo.

De referir as artes, bem como muitos desenhos geopolíticos que se mantêm de acordo com a realidade, desequilibrada e global.

Sempre respirei a Geopolítica...

Na infância, no pensamento, nas artes e na escrita.

Em Macau, o meu *Macau Pobre*, para onde fui muito jovem, atuei no setor público (controlo de preços, mais tarde organização dos serviços e, por um ano, a direção total dos poderosos serviços de economia), tendo também ensinado no liceu. Fiz karaté SEIGOKAN, aprendi (e fui esquecendo) as primeiras dezenas de caracteres.

Como se não tivesse aprendido a desenhar um A mas uma ideia muito minha da Ásia.

A *China Moderna* recebeu a minha atenção numa pós-graduação e uma década e meia depois, num doutoramento (Investimento direto chinês na Europa Ibérica), no entanto devido à pandemia, suspenso no tempo.

<http://coloquios.lusofonias.net/XXXI/2>

BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Realizei dezenas de palestras acerca de economia e de finanças, mormente sobre a banca, analisando a Ásia, a RPC, os BRICS, e também, por muitas vezes, e mais animicamente, Macau e Hong Kong (a última palestra-aula sobre esta colónia britânica, foi num curso de filosofia, quando se discutia a Democracia).

Existia, e existe, muita iliteracia financeira asiática. Muito desconhecimento factual, mesmo nos venerados “especialistas”.

Talvez facto este irónico, fui descoberto para as artes em 1980 por um Curador e Presidente de uma Associação de Arte Dramática de Macau, um cidadão chinês, culto, esclarecido. Que publica desenhos meus, surrelizantes, acompanhados da sua Crítica de Arte, sem eu saber.

Dei-me, então, uns anos de aprendizagem e reflexão.

Só por alturas de 89/90, no terceiro período de Macau, comecei a expor individualmente.

Não foi fácil mostrar que um diretor bancário podia ser um artista plenamente assumido.

Banca e Artes, duas barricadas que se observam, mas não aceitam facilmente a sua sobreposição.

Seguiram-se mais de uma centena de coletivas, pela Ásia Grande, Japão, Coreia do Sul, Malásia, Singapura, Portugal.

Dezenas de individuais neste país, mas também em Macau, Hong Kong e em Ho Chi Minh City, no Vietname.

Como escritor, para além da ilustração de diversos livros de escritores e poetas de Macau e Portugal, aponto os três livros por mim editados: *Desenhos-Macau 79-82*, *Nuvem Branca – Livro de Vida e Porto Moniz*, e deixo no ar uma surpresa para breve.

Hélder Beja, em Cascais

A vida de Rui Paiva é feita de um sem fim de afluentes que desaguam todos no mesmo rio: o da curiosidade e sede de conhecimento de um homem que atravessou África, Europa e Ásia.

A exposição “Diários Gráficos”, patente na Casa de Santa Maria, em Cascais, e o livro de artista “Nuvem Branca”, agora publicado, são a sùmula de um percurso que passou várias vezes por Macau.

Um lugar com história dá-se melhor às histórias e a Casa de Santa Maria, em Cascais, datada do começo do século XX e da autoria do arquiteto Raul Lino, foi o lugar encontrado pelo artista plástico Rui Paiva para apresentar “Diários Gráficos”, exposição para ver até 15 de novembro, inserida no Festival Internacional de Cultura.

A juntar à mostra, já de si caleidoscópica como o percurso do autor, Paiva apresenta também o livro de artista e livro de vida “Nuvem Branca”, volume bilingue (português-inglês) que reúne a obra, mas também as memórias do autor e economista que viveu vários anos em Macau.

“Nas minhas exposições crio sempre trajetos, quase como se fossem uma história”, começa Rui Paiva, neste visita guiada a “Diários Gráficos”. “Para mim um diário gráfico é um diário que respira, não é um bloco completamente cheio de desenhos e de escrita, é feito de tudo um pouco e respira.

“Deixo sempre umas páginas livres para se algum dia quiser escrever alguma coisa, escrever um poema, um pensamento”, admite.

Os fragmentos da obra e da vida de Rui Paiva espalham-se por várias vitrinas de duas salas no primeiro piso da Casa de Santa Maria.

São notas visuais tomadas nos mais diversos lugares, de Macau a Monte Gordo, da Tailândia a Porto Moniz, de Hong Kong Kong às margens do Tejo.

“Há sempre uma ligação muito grande para mim entre os diários gráficos, o trabalho plástico, e a escrita, a literatura – por isso a máquina de escrever é aqui um elemento fundamental”, explica o artista, apontando a velha máquina restaurada que abre o percurso da exposição.

No primeiro escaparate estão livros que contaram com a participação de Paiva, como o livro de desenhos editado em Macau no ano de 1982, antes de deixar o território pela primeira vez, ou as obras por si ilustradas de Helena Osório, José Silveira Machado, Irene Rodrigues e do poeta Alberto Estima de Oliveira, de quem se tornou próximo em Macau.

“Acho que é muito importante criar interações com quem visita as exposições, e não fazer tudo no sentido muito rigoroso de régua e esquadro”, prossegue Rui Paiva, explicando por que decidiu inserir na mostra várias leituras e imagens icónicas que o vêm acompanhando.

Estão presentes Che Guevara, Mao Zedong e o seu o Livro Vermelho, a Lei Básica – “há sempre Macau presente nas minha coisas” – Milan Kundera, Arundhati Roy, Fernando Pessoa, Ernest Hemingway e outros.

“Esta vitrina tem aqui referências do ponto de vista literário, mas também as tem de geopolítica, porque o primeiro capítulo do meu livro de artista é sobre geopolítica.

Resolvi arrancar assim no livro e por isso achei que era importante fazer o mesmo na exposição.”

Colecionador natural

Na exposição “Diários Gráficos” percebe-se a pulsão do autor pelo colecionismo, não apenas de diversos artefactos mas também de memórias.

Ao registar as suas viagens, aquilo que pensa e sente, e ao fazê-lo em diferente formas (pintura, escrita) e suportes (dos blocos e cadernos a objetos muito menos óbvios como sacos de pano), Paiva coligiu e preservou uma boa parte das histórias que a vida lhe ofereceu.

Agora, enquanto olha a panóplia de artigos que as vitrinas guardam, vai desfiando episódios: o do casal que discutia num café do Porto e o fez escrever sobre o ciúme; o das reações sensoriais que teve ao atravessar a porta de uma loja chinesa; o dos corpos de mulheres que se insinuam em traços abstratos; os da infância em Moçambique; o dos poemas recentes que escreveu quando o tufão Hato atingiu o território e lhe mostrou através da comunicação social que “há cada vez menos interesse em acompanhar Macau em Portugal”.

A maior das duas salas de exposição alberga ainda duas ampliações de cadernos, com dois metros cada, que imitam os cadernos clássicos de capa preta e cantos vermelhos; e uma tela-livro de três metros, espécie de reconstrução aumentada da experiência do diário gráfico.

E não falta à exposição a componente audiovisual: em Moçambique, Paiva foi também um aficionado do cinema através do Cine Clube da então Lourenço Marques, nos anos 1970.

BIODADOS -- colóquio da lusofonia

“Fiz um curso de cinema amador e começámos a preparar uma curta. Quando se deu o 25 de abril estávamos a filmar”, lembra. O filme, agora apresentado pela primeira vez num dos LCD da exposição, mostra as recoletoras de amêijoas na Costa do Sol, seguindo a rotina das mulheres moçambicanas que se dedicavam à apanha de amêijoas. Há ainda imagens da alfabetização dos subúrbios da atual Maputo, em que Paiva participou e do “contacto com a primeira equipa da Frelimo que se instalou nos arredores da cidade, o primeiro sítio em que foi hasteada ali a bandeira da Frelimo.

Os afluentes

Num entrelaçar de memórias coletivas e políticas com outras pessoais e emotivas, Rui Paiva constrói para o visitante um percurso pelos seus mais de 60 anos de vida. E se isso é verdade para a exposição patente em Cascais, é-o ainda mais para o livro “Nuvem Branca”: “Há a particularidade de ser uma exposição de diários gráficos acompanhada do lançamento de um livro, porque acaba por haver uma ligação muito grande. Existem elementos dispersos por estas vitrinas que fazem parte do livro”, diz o autor.

“Nuvem Branca” deve o título ao nome atribuído a Rui Paiva no Vietname, quando em 1994 apresenta a exposição individual “Nine Dreams” na capital do país, privando com o artista Nguyen Quan e conhecendo aquele que teria sido o escultor oficial de Ho Chi Min.

Esta é apenas uma das muitas histórias que cabem em quase 300 páginas profusamente ilustradas com os trabalhos do artista, documentos, recortes de jornais e fotografias, além de vários encartes: “A ideia do livro e dos encartes é fazer dele o tal livro-objecto. Quando se está a ler alguma coisa de que se gosta, normalmente mete-se papéis lá dentro. O livro tem uma série de encartes que remetem para isso.”

O artista confessa que este era “um projeto bem antigo e também um projeto de vida”: “Para mim é importante ter num livro o meu trajeto explicado enquanto artista. É uma parte que muitas vezes o artista não mostra, o que está por trás da obra. Para além da obra, gosto sempre de conhecer o artista, conhecer as suas motivações e projetos, e este livro é um pouco disso. Tentei primeiro fazê-lo a partir da escrita de outra pessoa, queria que fosse uma escrita feminina, mas nunca consegui descobrir a pessoa certa.”

Acabou então por ser o próprio Rui Paiva a assumir a escrita destas memórias e a contar a história que começa com um rapaz que cresce em Vila Pery, no planalto do Chimoio e que cedo se vê despertado para a literatura e para a política. Escreve pequenos contos quase que politizados, acompanha a primavera de Praga e a Guerra Fria.

Nos anos de universidade, e enquanto cursa Economia, desenha a caneta várias imagens também elas reveladoras de uma consciência política, que vai de África à China: “O que quis mostrar com esse primeiro capítulo é que a geopolítica esteve sempre na minha vida, desde miúdo, desde um conto que escrevi, chamado ‘O Fracasso’, quando tinha uns 12, 13 anos, sobre o tráfico de armas nucleares da ex-URSS”, conta.

Segue-se a vida profissional e com ela Macau, ocupando no território funções tão diversas quanto as de chefe da Divisão de Comércio Externo do Governo, responsável pela Repartição de Serviços de Economia (1980), chefe de gabinete do secretário Adjunto da Economia, Finanças e Turismo, bem como do Governador em exercício, Carlos Monjardino (1986) e várias posições na banca durante os anos 1980 e 90.

Mas não se pense que tudo foi fácil na decisão de rumar à Ásia: “A burocracia para ir para Macau levou nove meses, por isso digo que foi um parto natural”, brinca Rui Paiva. “Foi muito complicado, Macau tinha um filtro muito grande em 1979. Havia um ‘processo seletivo’ para se ir para lá. Fui contratado ainda durante a administração de Garcia Leandro para ir criar uma divisão de Comércio Interno. Acabei por ir, criei essa divisão e quando cheguei aos Serviços de Economia não havia um único dossier, histórico nenhum”, recorda.

Desses anos em Macau, o livro “Nuvem Branca” foca também as amizades e os serões em casa do arquiteto Manuel Vicente, e mostra ainda um extenso portfólio de fotografias tiradas pelo autor durante esses anos.

“A determinada altura tive de ser muito radical nas escolhas que fiz para o livro, quis que ficasse aqui uma memória com estas fotografias, que se documentasse – a vivência, as crianças, os adultos, a alimentação, o vestuário, estes becos de Macau; e ao mesmo tempo também o tufão Hope [um dos mais fortes da história recente de Macau, em 1979], quis que as fotografias que tirei nessa altura ficassem aqui como memória.”

Tributo aos afetos

Para Rui Paiva, o livro agora publicado “acaba por ser também uma forma de homenagear pessoas, mesmo pessoas que já faleceram, como Francisco Gonçalves Pereira”: “Ele era um mecenas, comprava sempre obras minhas quando fazia exposições, e há outras pessoas, como o Frederico Rato, que sempre me apoiaram.”

O artista destaca “um capítulo final” que é o da ida a Macau, em 2015: “É importante que haja a tal relação dos afetos. Numa semana aconteceu tudo: fiz uma palestra na Universidade de Macau sobre a China, outra palestra na Fundação Rui Cunha, fiz uma exposição de aguarela na Livraria Portuguesa, tive grande apoio de pessoas como o Ricardo Pinto, Frederico Rato, Rui Cunha. Já não ia a Macau há 21 anos e só tenho a agradecer”, diz o autor.

“Nuvem Branca” está a abrir outras portas a este homem que é há muitos anos curador da coleção e gestor do património artístico do Millennium bcp. Paiva marca presença no festival literário Escritaria, em Penafiel, a 18 de outubro e já foi igualmente convidado pelo FOLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos a apresentar o livro. “Estou feliz com esse interesse. O livro não foi feito para ser espalhado pelas livrarias, por isso também imprimir apenas 300 exemplares, mas claro que, se as pessoas gostarem e quiserem ler, logo se verá” se será necessário produzir mais exemplares.

Rui Paiva, além de colecionar aos milhares livros sobre a Ásia, fez uma pós-graduação sobre a China Moderna e frequenta atualmente um doutoramento em Relações Internacionais, Geopolítica e Geoeconomia.

A dada altura, no livro, lê-se: “Depois de escrever estas memórias, fico com a sensação de que fui sempre um “geopolítico”, um observador atento!”. Cada página de “Nuvem Branca” atesta esse rio de curiosidade.